



## PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS DAS ETNOCIÊNCIAS: CAMINHOS PASSADOS E FUTUROS

### ETHNOSCIENCES SCIENTIFIC PUBLICATIONS: PAST AND FUTURE PATHWAYS

Bernardo TOMCHINSKY<sup>1\*</sup>; Flávio Bezerra BARROS<sup>2</sup>; Eduardo CORONA-M<sup>3</sup>; Lin Chau MING<sup>4</sup>; James R. WELCH<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Saúde e Biológicas, Marabá, Pará, Brasil; <sup>2</sup>Universidade Federal do Pará, Instituto Amazônico de Agricultura Familiar (INEAF), Belém, Pará, Brasil; <sup>3</sup>Universidade Nacional Autónoma de México, Instituto Nacional de Antropología e Historia, Cidade do México, México; <sup>4</sup>Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrônomicas, Botucatu, São Paulo, Brasil; <sup>5</sup>Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. \*btomchinsky@unifesspa.edu.br

Submitted: 07/04/2018; Accepted: 27/03/2019

As revistas científicas são um meio de divulgar e debater os trabalhos realizados dentro da academia e, cada qual dentro de seu escopo e foco, procuram alcançar um público específico. Desta forma, elas funcionam como um reflexo sobre o que vem sendo produzido e conduzido dentro de cada área da ciência.

Recentemente, com o aumento do número de pesquisadores e grupos dedicados ao estudo das etnobiologias e etnoecologias no Brasil e no mundo, com a disseminação de editoras comerciais e com as novas ferramentas digitais dedicadas à publicação de acesso livre (p.ex., Public Knowledge Project), surgiram nos últimos anos diversas novas revistas dedicadas ou com espaço para trabalhos de etnobiologia e áreas afins, como: *Etnobiología* (2003), *Ethnobotany: research and applications* (2003), *Tipiti* (2003), *PLOS ONE* (2006), *Amazônica: Revista de Antropologia* (2009), *Ethnobiology Letters* (2010), *Ethnobiology and Conservation* (2012), *Ecologias Humanas* (2014) e *Ethnoscientia* (2016).

Entretanto, apesar deste aumento do número de publicações, o que facilitou o acesso e também a democratização da ciência tanto para autores como para leitores, outros tantos desafios persistem na divulgação científica em geral, inclusive nas áreas de etnobiologia e etnoecologia. Apesar dos trabalhos que discutem as publicações científicas de etnobiologia e etnoecologia por fases ou ênfase (POSEY, 1990; POSEY, 1994; CLEMENT, 1998; HUNN, 2007; ALBUQUERQUE et al., 2018), subáreas (RITTER et al., 2015) ou regiões do país (HAVERROTH, 2018), é sensível que as pessoas mais envolvidas com o processo editorial destas publicações, incluindo editores chefe ou editores assistentes, tenham suas próprias experiências e percepções a respeito destas ciências.

Neste sentido, foi proposto um debate entre editores de revistas científicas que publicam com frequência trabalhos relacionados à etnobiologia e etnoecologia a fim de procurar compreender quais são os desafios que encontram ou com que se preocupam referente às publicações com que colaboram, como eles procuram enfrentar estes desafios e como eles enxergam eventuais tendências nas linhas editoriais.

Foram convidados alguns editores de revistas consolidadas que publicam trabalhos nas áreas de etnobiologia e etnoecologia, incluindo: Lin Chau Ming (*Ethnoscientia*), Eduardo Corona (*Etnobiología*), Flávio Bezerra Barros (*Amazônica: Revista de Antropologia*) e James R. Welch (*Ethnobiology Letters*). É importante fazer a ressalva que, pelo longo processo de elaboração deste debate, houve algumas modificações no corpo editorial de três destas revistas, sendo que Ming, Corona e Welch atualmente desempenham diferentes papéis com as revistas *Ethnoscientia*, *Etnobiología* e *Ethnobiology Letters*, respectivamente, que foram assumidos recentemente por novos editores chefes. Editores de outras revistas aliadas às etnociências também foram convidados, mas, por motivos diversos, não puderam colaborar com esta discussão.

Após o aceite a este convite, cada editor debatedor foi convidado a enviar até duas perguntas que desejariam realizar para os demais colegas. Estes questionamentos foram sistematizados e enviados a todos os editores, que responderam de acordo com as políticas de suas revistas e de suas experiências ou convicções pessoais. Nesta experiência, foi dada a liberdade para cada autor usar a linguagem e idioma que julgasse mais adequado.

A partir deste encaminhando, as perguntas formuladas foram:

1) Como garantir a divulgação dos trabalhos e aumentar a visibilidade das revistas sem ficar totalmente refém dos índices de avaliação já existentes e seus critérios de avaliação? E como garantir que os trabalhos publicados sejam relevantes para a academia e para a sociedade, incluindo povos e comunidades tradicionais ou na formulação de políticas públicas?

2) Qual a sua visão sobre a publicação de trabalhos em línguas nativas, distintas do inglês, sobretudo sobre a perspectiva da internacionalização? Como democratizar o acesso às revistas para os autores levando em consideração a limitação imposta por revistas pagas ou que aceitam apenas trabalhos em idioma inglês, quando este não for dominado pelos autores?

3) É possível enxergar alguma tendência dentro dos trabalhos de etnobiologia que vêm sendo publicados? É possível que alguns tipos de trabalho de etnobiologia já não tenham relevância para as revistas da área?

4) Já são algumas publicações dedicadas integralmente ou periodicamente (números especiais) às etnociências no Brasil e no mundo. Como cada uma pode garantir um escopo diversificado e não se sobrepor às demais revistas?

As respostas na íntegra estão na sequência deste trabalho. Foi curioso que, apesar da intenção original ter sido promover um debate saudável entre os editores convidados contrastando ideias diferentes, em grande medida, todas as respostas foram semelhantes, mostrando ampla concordância entre os editores quanto às questões norteadoras.

Além da visão pessoal de cada um dos debatedores, outros fatores que podem ter influenciado neste resultado foi que as quatro publicações são bastante semelhantes em seu formato, na sua idealização e na solução de alguns problemas. Todas elas são relativamente novas, com idade entre 3-10 anos de existência; todas elas aceitam trabalhos em formatos diversos, não restritos aos tradicionais artigos de pesquisa e revisão, incluindo debates, resenhas, relatos de caso, entrevistas, entre outros; todas elas são gratuitas aos autores e de acesso livre e são subsidiadas pelas instituições que a gerenciam; todas são independentes de editoras científicas e utilizam o software OJS/SEERS para submissão e editoração dos trabalhos; todas elas são vinculadas a uma sociedade científica ou a um curso de pós-graduação de instituição pública, surgindo como uma demanda destes grupos; e, por fim, todas dependem do trabalho voluntário de diversos colaboradores para poder funcionar (Tabela 1).

Tabela 1: Características principais das revistas científicas envolvidas no debate

	Instituição mantenedora	Data de fundação	Indexação	Quantidade de trabalhos publicados *	Seções
<i>Ethnoscientia</i> (ISSN 2448-1998)	Sociedade Brasileira de Entobiologia e Etnoecologia	2016	WebQualis e DOAJ	53	Artigo de pesquisa, artigo de revisão, carta, manifestos e normativas, comunicação breve, debates e discussões, discurso, entrevistas, resenhas críticas, relato de caso e biografias.
<i>Etnobiología</i> (ISSN 1665-2703)	Sociedad Latinoamericana de Etnobiología e Sociedad Mexicana de Etnobiología	2003	LatinIndex	154	Artigos, notas científicas, resenhas de livros
<i>Ethnobiology Letters</i> (ISSN 2159-8126)	Society of Ethnobiology (EUA)	2010	WebQualis, Scopus, Web of Science, EBSCOhost, DOAJ	217	Entrevistas e reflexões, perspectivas, revisões curtas, comunicações de pesquisa, dados, métodos e taxonomia e resenhas
<i>Amazônica: revista de Antropologia</i> (ISSN 2176-0675)	Universidade Federal do Pará (ISSB 2176-0675)	2009	WebQualis, DOAJ	282	Artigos, relatórios de pesquisa, notícias de pesquisas em andamento, resenhas, traduções, resumos de teses e ensaios fotográficos

\*Considerando todos os trabalhos publicados (com ou sem indexação) em todos os números publicados até outubro de 2018, com exceção de editoriais.

Seguindo o encaminhamento proposto, partimos do questionamento sobre a visibilidade e reconhecimento das revistas a partir da ótica das agências indexadoras e dos fatores de impacto. Sobre esta questão, os quatro editores concordam sobre a importância e a necessidade de existir algum modo de avaliar a “qualidade e o impacto” ou a influência e disseminação das revistas. Welch também levanta a importância da “visibilidade e reputação” de uma determinada revista para atrair novos trabalhos de qualidade. Entretanto, os quatro editores fazem a ressalva para que estas iniciativas não se tornem “desvirtuadas” quando, por exemplo, acabam dominadas por conglomerados privados, ou que, dentro de seus parâmetros, não procurem distinguir revistas predatórias das não predatórias, ou que acabam tornando tanto as revistas como os autores reféns de uma lógica produtivista que não prima pela qualidade, mas pela quantidade de trabalhos publicados, pela quantidade de citações, ou ainda que engessem o funcionamento da revista e a capacidade de cada corpo editorial escolher livremente suas políticas (periodicidade, idioma, acesso, seções etc.).

Quanto à abertura para diferentes tipos de trabalho ou seções, os entrevistados sugerem que as revistas científicas podem servir de espaço para a divulgação em formatos menos tradicionais, sem a necessidade, inclusive, de passá-las por avaliação dos revisores *ad hoc* ou de indexar todas as publicações, procurando evitar qualquer distorção nos índices de indexação ou fator de impacto utilizados. Eles também lembram que existem outras possibilidades de publicação visando um público determinado, como produções audiovisuais, cadernos pedagógicos, obituários, entrevistas, entre outras. Como exemplo da importância destes outros tipos de trabalho, Barros menciona o caso em que uma dissertação de mestrado colaborou em um processo público a favor de uma comunidade estudada.

Como norteador destas questões, é necessário, portanto, que a revista tenha bem definido qual o seu foco e escopo para, a partir disso, procurar definir todas as suas demais características, como idioma, seções, custo para os autores, políticas de inclusão, entre outros.

Welch ainda realça que a qualidade da revista ou sua visibilidade é a consequência da interação entre o trabalho dos autores, do corpo editorial e revisores, que devem trabalhar de forma conjunta para aumentar a qualidade dos trabalhos e da revista. Por isso ele afirma que a publicação com a qual colabora não mede esforços quando é necessário apoiar de forma mais personalizada os autores que submetem trabalhos interessantes, mas que possuem alguma dificuldade na edição ou revisão do texto, o que exige também cuidado especial na escolha dos revisores para cada trabalho avaliado.

Na sequência, os debatedores foram inquiridos sobre a democratização ao acesso às revistas, principalmente quanto ao idioma dos trabalhos aceitos para publicação e aos custos para publicação. Apesar de todos os editores reconhecerem os potenciais benefícios da abertura da publicação para outros idiomas que diferente do inglês, como o português, espanhol, francês e até mesmo línguas nativas, eles concordam que a grande dificuldade encontrada é na normalização e revisão destes idiomas por pessoas fluentes. Barros compara a hegemonia do uso de línguas europeias nas publicações científicas ao processo de colonização, ressaltando que o uso exclusivo delas impede que o próprio interlocutor tenha acesso aos resultados da pesquisa que foi alvo, além de desconsiderar a pluralidade linguística (só o Brasil possui quase 300 línguas nativas) e que muitas destas são essencialmente orais, sendo o idioma original indissociável do conhecimento abordado nos trabalhos publicados. Ming destaca que o uso de línguas indígenas também deve servir como um incentivo para as populações tradicionais publicarem, como autores, seus próprios trabalhos. Ainda segundo ele, a publicação de trabalhos em línguas diversas publicados em revistas científicas de ampla divulgação e em formatos diversos (como cartas e manifestos) poderia servir de ajuda na disseminação da luta e reivindicações de povos e comunidades tradicionais para todo o mundo.

Os editores reconhecem que, apesar de o inglês ser a língua de maior disseminação e impacto na academia internacional, caracterizado como língua “oficial” ou língua franca, ele não é bem dominado por grande parte da comunidade científica (principalmente a brasileira e latino-americana), incluindo autores, editores ou revisores, dificultando o processo editorial e mesmo o aceite dos manuscritos, o que por muitas vezes traz como consequência a publicação de trabalhos em inglês mal escrito.

Como uma solução paliativa a esta questão, as revistas exigem que ao menos o resumo tenha tradução para o inglês como forma de garantir maior disseminação na indexação, além de incluir nos resumos a língua nativa dos autores para textos em inglês possibilitando seu acesso por esta população. Da mesma forma, elas também abrem a oportunidade de que todos os demais idiomas sejam contemplados nos resumos. Na revista *Amazônica*, por exemplo, todos os artigos são precedidos de resumos em inglês, espanhol e português.

Outro ponto levantado por alguns dos editores de revistas mantidas pelas sociedades científicas é se é possível ou necessário priorizar a publicação de trabalhos de associados, sem excluir ou prejudicar autores não associados a estas sociedades. Esta questão é particularmente sensível quando se discute de que forma as revistas podem se manter financeiramente, já que seus recursos advêm principalmente do pagamento da anuidade por seus associados, ou seja, será que estes associados devem ter algum “privilégio” já que são eles que financiam as revistas? Por enquanto esta é uma questão aparentemente secundária para as quatro revistas, já que todos os custos para publicação ainda são subsidiados pelas sociedades e instituições mantenedoras. Entretanto, essa questão eventualmente aparecerá, conforme os custos de manutenção fiquem inviáveis às suas mantenedoras. Outras revistas, eles lembram, possuem em suas políticas de acesso um preço diferenciado para autores oriundos de regiões ou países de baixa renda, possibilitando seu acesso por diferentes públicos.

Durante outras conversas com os debatedores convidados, foi possível notar que a saúde financeira das revistas é um tema recorrente, pois, ao mesmo tempo em que querem garantir a acessibilidade, as publicações aumentam de tamanho e potencialmente acumulam maiores custos que as instituições mantenedoras conseguem suportar e, além disso, com este crescimento e profissionalização, editores voluntários acabam acumulando mais trabalho. Neste sentido, outra preocupação é a divisão de atribuições e responsabilidades entre um maior número de pessoas dentro do comitê editorial, o que demanda um maior comprometimento de todos os colaboradores, incluindo editores de seção, revisores *ad hoc*, revisores de idioma, editores de *layout*, editores de site, entre outros, que em sua maioria também são voluntários.

No terceiro questionamento proposto, foi perguntado sobre a existência de alguma tendência entre os trabalhos publicados. Corona ressalta que ainda predominam os trabalhos com registro do uso e de sistemas de classificação dos organismos, enquanto trabalhos mais holísticos ou trabalhos em meios urbanos ou semi-rurais são relativamente escassos. Destaca também que todos os tipos de trabalho são importantes e urgentes, visto a velocidade com que as transformações ocorrem atualmente e ameaçam os povos e comunidades tradicionais e seu conhecimento associado. Welch fala da importância da publicação de trabalhos teórica e metodologicamente inovadores, ou de estudos de caso locais que dialogam com assuntos de relevância mais ampla, além de trabalhos interdisciplinares e que contem com o maior envolvimento das comunidades colaboradoras. Welch considera que os trabalhos de todos os tipos possuem mérito, entretanto os autores sempre devem se desafiar para comunicar claramente qual sua contribuição para a ciência, para além de seu valor descritivo ou para a bioprospecção. Especificamente sobre os trabalhos publicados com viés utilitarista ou classificatório, Barros menciona a importância de eles terem um maior embasamento ou discussão social, o que é, na realidade, um reflexo da pouca participação de poucos antropólogos ou cientistas sociais nestes trabalhos. Ele também sugere a maior participação dos povos e comunidades tradicionais em todas as etapas do trabalho. Ming lembra que a tendência metodológica ou o enfoque dos trabalhos sempre mudaram de forma natural ao longo dos tempos de acordo com as demandas e percepções da própria academia e da sociedade.

No questionamento seguinte, os debatedores convidados foram provocados a refletir como o surgimento de novas revistas nas áreas das etnociências pode contribuir com o desenvolvimento da etnobiologia e etnoecologia. Corona, então, defende que cada uma destas revistas possui enfoques diferentes, o que não às sobrepõem em seu conteúdo. Welch também considera que a diversidade de trabalhos publicados na área é fortalecida pela entrada de novas publicações. Ao mesmo tempo, ele considera que a sobreposição destas publicações é usual e contribui para o fortalecimento do campo, apesar dos cuidados que devem ser tomados para evitar *crossover* em alguns casos específicas de revistas publicadas pela mesma associação científica. Já Barros destaca a sua preocupação com a eventual fragmentação da etnobiologia e etnoecologia a partir destas diferentes publicações especializadas em subáreas (botânica, zoologia, farmacologia, entre outras).

Por fim, os editores foram convidados a realizar suas considerações finais sobre a importância das revistas com que colaboram. Corona finaliza seu discurso descrevendo os pontos que a revista *Etnobiología* procura constantemente alcançar: ser uma revista científica ativa que procure eliminar barreiras encontradas pelos pesquisadores latino-americanos; sempre respeitar as comunidades envolvidas, seus direitos e soberania, estimulando trabalhos participativos e solidários; e aumentar a sua divulgação e impacto, fazendo inclusive o maior uso de redes sociais. Ao mesmo tempo, Corona prevê que existem alguns desafios futuros quanto à sustentabilidade econômica, infraestrutura e

desenvolvimento de pessoal; por fim, considera que a multidisciplinaridade da etnobiologia e sua constante transformação exige que a revista continue se desenvolvendo constantemente.

Welch lembra que a diversificação dos formatos publicados pela *Ethnobiology Letters* e a manutenção do acesso gratuito para autores e leitores têm a intenção de permitir a publicação de diferentes tipos de trabalhos por autores diversos, inclusive aqueles que porventura poderiam encontrar algum tipo de barreira financeira. Um aspecto importante sobre a *Ethnobiology Letters* é que, devido a sua estabilidade financeira, seus editores têm ampla autonomia para determinar suas políticas editoriais e priorizar trabalhos que julguem importantes, independentemente de questões impostas pelo mercado.

Barros destaca que a revista *Amazônica* foi criada voltada para a antropologia, mas mesmo assim recebe um grande número de trabalhos relacionados à etnobiologia, principalmente em seus números especiais. Para Ming, a *Ethnoscintia* é uma publicação nova, mas que cria um espaço democrático com formatos diferentes de trabalho procurando atender à demanda de diferentes públicos.

A partir deste debate, observamos que todos os quatro editores possuem posicionamentos semelhantes sobre diversos temas acerca da publicação de trabalhos científicos nas áreas de etnobiologia e etnoecologia. Fica claro que estas revistas não impõe nenhuma linha restritiva quanto aos tipos de trabalhos publicados e compartilham grande preocupação quanto à qualidade geral desses trabalhos, às questões éticas atreladas a eles, bem como o respeito à diversidade, autonomia e à participação ativa dos povos e comunidades tradicionais colaboradoras. Outro fator comum a estas publicações é a preocupação com a democratização e acessibilidade às revistas, questão que as fazem buscar diferentes estratégias para viabilizar o acesso dos autores e também dos leitores.

Por fim, observamos que o panorama das publicações em etnobiologia e etnoecologia, ao menos nas Américas, se mostra bastante ativo e dinâmico, com possibilidade de atender a profunda complexidade da imensa sociobiodiversidade que existe em todo o seu território a partir das diferentes abordagens propostas pelas ciências.

Na sequência as respostas na íntegra dos autores.

**- ETHNOSCINTIA: Como garantir a divulgação dos trabalhos e aumentar a visibilidade das revistas sem ficar totalmente refém dos índices de avaliação já existentes e seus critérios de avaliação? E como garantir que os trabalhos publicados sejam relevantes para a academia e para a sociedade, incluindo povos e comunidades tradicionais ou na formulação de políticas públicas?**

**- EDUARDO CORONA (*Etnobiología*):** *Primero debe señalarse que el tema de la etnobiología se encuentra inmerso en varias dimensiones, donde cada una de ellas cuenta con sus elementos de reconocimiento y validación, algunas de ellas son: la académica, la cultural y la sociopolítica. Hacer compatibles todas las dimensiones, aunque aspiración válida, es un largo camino para realizar, ya que los participantes de alguna de las dimensiones demandan que la revista cumpla un papel determinado. Por ejemplo, los investigadores y estudiantes de un posgrado demandan que la revista sea un foro donde encuentren eco a sus necesidades de validación de las investigaciones, a la vez que sean foros de expresión y reconocimiento de los mismos. Es así como las instituciones académicas requieren que la revista tenga un nivel de reconocimiento, otorgado mediante los índices, si lo cumple enviarán sus trabajos, porque se atiende su demanda. Un aspecto a resaltar es el debate abierto que existe sobre la calidad de esos índices, su manejo por ciertos consorcios, la explosión de los "open journal", pero invariablemente, dado que existe una necesidad de certificar el conocimiento, estos sistemas de evaluaciones existen, y seguramente continuará su ruta de modificación, para mejorarlos.*

*Existe el caso contrario, donde las necesidades de publicación de una comunidad interesadas en el desarrollo de sus prácticas locales de conocimiento, pueden o no estar vinculadas a un reconocimiento académico o indexado, pero si demandan un nivel amplio de difusión, ya que su área de validación es la influencia socioplítica y/o cultural que puede alcanzar dicho conocimiento. Ambos ejemplos representan casos que representan un interés legítimo, pero que pueden ser incompatibles en una misma revista, al menos en las condiciones actuales. Así se puede seguir mencionando ejemplos con una diversidad de variantes.*

*Entonces, lo que define esta situación son las necesidades de un público y la misión de la revista. Creo que las revistas, en la situación actual, no deben confundir esta relación, las que tienen esta relación académica, como las que participamos en esta discusión, están buscando atraer un público académico y ser un componente que defina claves en nuestro campo de investigación interdisciplinario, como lo es el etnobiológico.*

*En ese contexto cabe destacar que, la revista *Etnobiología* fue creada por la Asociación *Etnobiológica Mexicana* en 2001 como una revista científica, con la intención de ser un foro dirigido a*

*promover la disciplina dentro de la academia nacional y ser fuente de intercambio con otras comunidades científicas. Esto la ha llevado a la ruta de incorporarse a los sistemas de indexación y reconocimiento en esa área. Posteriormente en 2014, da un nuevo paso al incorporar a la Sociedad Latinoamericana de Etnobiología, con ello se atendió una demanda importante, que es la comunicación entre pares que facilitan su relación por los idiomas que se hablan en esta parte del mundo, y por compartir una serie de contextos culturales y relaciones históricas. Además de que varios de estos grupos de investigación están trabajando cotidianamente con comunidades sociales (originarios, campesinos y urbanos) y están produciendo gran cantidad de información acerca de la diversidad de prácticas culturales que existen en esta parte del continente.*

*¿Esto es suficiente? No, claro que no. Representa sólo un avance parcial, frente a un sistema dominado por la literatura en inglés o por la desafortunada presencia de prácticas extractivistas. Frente a ello, la revista promovió la aceptación de un código de ética, elaborado por la SOLAE, y también establece que sus investigaciones deben partir del consentimiento informado otorgado por las comunidades y sus informantes. Todo ello sin demérito de la calidad académica.*

*Estos grupos e instituciones académicas le están prestando atención a la revista y la han convertido en un punto focal para la publicación de los trabajos. Sabemos que son publicaciones con un cierto grado de complejidad y dirigido a especialistas, por lo que tener cifras de 15 mil descargas promedio por número en los últimos tres años, donde los países que más acceden son México, Colombia, Brasil, Ecuador, Bolivia, Argentina, Estados Unidos, Francia y España, principalmente. Estas cifras quisiéramos que fueran más, pero lo cierto es que son más lectores que miembros afiliados o a asistentes a un Congreso de alguna de nuestras sociedades académicas; estas cifras seguramente nos una cierta idea de la cantidad de personas, sean investigadores o lectores avezados en los temas interesadas en la Etnobiología.*

*En perspectiva, ¿cómo garantizar que estos resultados tengan un alto impacto social? Creo que no es un tema solo de las revistas, es un tema relacionado con la actividad de las sociedades académicas, y en algunos casos de las instituciones, llevando a cabo procesos de investigación participativa. El otro componente es la divulgación y el uso de las redes sociales. En los últimos años se han efectuado diversas investigaciones que muestran la gran importancia que tienen estos medios en la actividad de sectores de la población. Estos dos aspectos ya no son solo un papel complementario para la revista, deben ser parte de su núcleo central. Ello debe implicar un esfuerzo de las sociedades e instituciones, y de sus integrantes, para articular estos tres ejes: revistas académicas, investigación participativa y medios sociales de difusión, en la búsqueda de procesos para un buen vivir.*

**- JAMES R. WELCH (*Ethnobiology Letters*):** *A central goal of all journals' editorial efforts is to give visibility to certain kinds of writing. I write "certain kinds," because our most of our day-to-day work is spent on the laborious process of soliciting, evaluating, and suggesting improvements to manuscripts before we make them available for access by the public. How we determine the merits of any given manuscript should include its alignment with the journal's focus and scope, scientific and ethical merits, and quality of written communication. In my experience, publishing an excellent and well-accessed article is the most gratifying aspect of being an editor because it suggests our authors', editorial team's, and reviewers' hard work successfully contributed to scientific discourse.*

*Our ability to attract quality submissions from potential authors and thereby collaborate with authors in attracting readers' interest depends on the journal's visibility and reputation, which today are heavily mediated by large private search engines and indexers, some of which rank and grade journals according to a variety of criteria. Historically, this system has imparted important benefits, including serving as a mechanism of external review of journals and assisting authors in identifying reputable journals. However, in the current scenario of unabated commercialization of publishing and indexing in conjunction with the multiplication of predatory journals, emphasis on indexation scores has introduced worrying distortions to science. This is made worse in Brazil by the highly criticized misuse of citation scores by national funding agencies, such as the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) and Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), which have (perhaps unwittingly) acted as institutional drivers of the country's growing fetishistic emphasis on publication quantity (BARDANACHVILI, 2015; YAMAMOTO, 2017).*

*While journals must consider indexation in their overall visibility strategies, other factors should also be appropriately prioritized. Each journal has its own target audience, consistent with its editorial focus, which is reached through personalized and social media engagement with interested communities of science consumers and journalists. As editors of journals aligned with ethnobiology, a field that often studies local and traditional peoples experiencing digital and political exclusion, I believe we have an ethical responsibility to maximize accessibility to diverse readers and authors. *Ethnobiology Letters* (SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY, 2017a), which I co-edit, is able to publish free of charge for authors and readers due to*

*generous financial support from our parent organization, the Society of Ethnobiology (United States). Journals that do not have this option could offer fee waivers for underrepresented categories of authors and readers and significantly lower individual article access fees from their current exaggerated levels, which can be as high as US\$ 40. Innovative journals could also reach interested communities by providing free or discounted access to members of non-academic organizations, including Indigenous and traditional peoples' associations.*

*Improving publication access by authors from diverse cultural and academic backgrounds is a unique challenge. Ethnobiology Letters is working in this direction through a series of interrelated efforts (WELCH; MARSTON; OLSON, 2016). Since our creation in 2010, we strive to provide personalized editorial attention to articles with merit but in need of rigorous revision and editing. This includes seeking article-appropriate peer reviewers with understanding of the authors' specific topic and epistemological framework, which may differ from usual disciplinary theories of knowledge. More recently, we have expanded the kinds of articles we consider for publication in non-peer reviewed sections, including interviews, reflections, essays, obituaries, and non-scientific opinion pieces.*

**- FLÁVIO BEZERRA BARROS (*Amazônica: Revista de Antropologia*):** *Há várias formas de trazer visibilidade aos trabalhos conduzidos no campo das etnociências. Além dos clássicos meios, como os sites das universidades e bibliotecas digitais, que desenvolvem bancos de teses e dissertações, existem as bases principais de pesquisas bibliográficas (como Scielo) e a própria plataforma de periódicos da Capes, que atualmente disponibiliza artigos de diversas revistas importantes e conceituadas. Se os pesquisadores e pesquisadoras que trabalham mais numa perspectiva de uma “etnobiologia da ação”, ou “etnobiologia socialmente situada”, ou “etnobiologia engajada”, existem outras maneiras de socialização de trabalhos, visando, sobretudo, ampliação do público que deveria se apropriar dos resultados das pesquisas, além dos clássicos cientistas e acadêmicos/acadêmicas. Exemplos podem ser os cadernos pedagógicos (totalmente diferentes de cartilhas em sua concepção política e pedagógica), que são excelentes para serem usados nas escolas das comunidades, servindo como resultado do diálogo de saberes êmicos e éticos e tão fundamentais para apropriação no ambiente escolar e no seio das famílias. Torna-se, obviamente, uma forma de restituição do trabalho à comunidade. Outra forma de divulgação são os documentários e/ou filmes etnográficos, uma forma de compartilhar resultados de investigação a partir da valorização das narrativas orais, imagens, e problemáticas de cada contexto social e cultural das comunidades estudadas. Transformar os dados obtidos em fascículos (ver página-web do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia: <http://novacartografiasocial.com/>), sobretudo no âmbito de estudos que envolvem conflitos sociais no contexto de povos e comunidades tradicionais, é uma ideia que tem sido bem avaliada tanto por pesquisadores e pesquisadoras como pelas lideranças comunitárias.*

*Os trabalhos na área de etnobiologia e etnoecologia precisam inovar na sua visibilidade, chegando à maior parte da sociedade em geral, para não ficar restritos apenas ao universo científico. É necessário os trabalhos assumirem também, além do científico, um papel político e social de maneira a contribuir com a luta das comunidades por seus territórios e biodiversidade, fundamentais à sua reprodução social e material. Quanto à questão das clássicas avaliações, não há muito para onde correr, sobretudo para quem participa de programas de pós-graduação, uma vez que estes são avaliados com base principalmente na produção docente em estratos superiores (A1, A2, B1). Contudo, acredito que é possível “conviver” ou “sobreviver” a estas estratégias, principalmente quando o pesquisador/pesquisadora tem consciência da importância do seu trabalho (científica apenas, ou científica e político-social), alternando suas publicações em revistas de diferentes níveis de avaliação e de abordagens. A relevância de um trabalho em etnociências pode variar de acordo com a perspectiva de cada acadêmico/acadêmica. Para quem está preocupado em desenvolver pesquisas mais dialógicas e atentas com a situação/problemática de cada grupo social, o raio de impacto do trabalho pode reverberar em diversas esferas. Para citar um exemplo, a dissertação de uma estudante orientada em nível de mestrado foi incorporada a um processo de solicitação de reintegração de posse de terra que arrola no Ministério Público Federal/MT. Demonstra, com efeito, como uma pesquisa engajada pode contribuir para a resolução de um conflito social entre atores que mantêm formas distintas de relação com a natureza, como fazendeiros e quilombolas.*

**- LIN CHAU MING (*Ethnoscientia*):** *A revista Ethnoscientia entra no contexto editorial acadêmico preenchendo uma lacuna entre os que querem publicar os resultados de seus trabalhos. São professores, pesquisadores, estudantes, tanto de graduação quanto de pós-graduação, além de interessados em geral nessas áreas de estudos bem abrangentes e também interligadas. Adicionalmente, pretende oferecer espaço para membros de comunidades tradicionais e/ou indígenas apresentarem suas opiniões em temas que lhes interessem, que, aliás, também podem ser temas associados aos interesses dos pesquisadores. Assim, a*

*revista pode ajudar no aumento da visibilidade dos autores e suas ideias, independentemente de seu status social ou científico.*

*Aos representantes de comunidades tradicionais e/ou indígenas não lhes interessam, salvo raríssimas exceções, ter seus trabalhos indexados ou entrando em estatísticas acadêmicas. Querem, nessa sociedade tão discriminatória a eles, pelo menos, ter a oportunidade e uma abertura para manifestação e publicação de suas opiniões ou seus direitos, visando a garantia da continuidade de sua existência, seu modo de vida e seus conhecimentos, o que pode ser dado, minimamente, pela Ethnoscientia.*

*Decerto os textos oriundos desses representantes na revista serão em número bem menos expressivo que os dos acadêmicos. Reflete ainda o resultado da discriminação e opressão histórica no Brasil e à ainda pouca (mas crescente) organização dessas comunidades e seu autorreconhecimento. Uma mudança nesse sentido só será vista a partir do crescimento da organização e expressão dessas comunidades. A revista é um elemento auxiliar.*

*Já entre os professores, pesquisadores e demais pessoas ligadas à área científica, há algumas opiniões divergentes com relação à questão da avaliação dos currículos pelos diferentes órgãos de fomento e a publicação de seus trabalhos em determinados periódicos, dependendo qual é a classificação destes perante os critérios CAPES e de outras entidades, a maioria (ou a totalidade) internacional. Alguns a consideram muito elitista, por compreender que apenas poucos profissionais produtivos têm seus trabalhos publicados nas revistas consideradas com alto impacto. Outros consideram que está havendo uma corrida desenfreada à publicação de artigos científicos, dado que a produtividade no meio acadêmico tem sido medida quase que exclusivamente pelo número de artigos publicados, independentemente de sua qualidade. A propalada meritocracia acadêmica acaba promovendo um círculo (des) virtuoso: o pesquisador é mais bem avaliado porque publica mais e com isso consegue recursos de pesquisa para novos projetos e, seguindo a lógica produtivista, publica mais artigos, e depois mais recursos, e assim por diante. Quem não entrar nessa ciranda... bem, já sabemos o final dessa história. Um processo de avaliação que envolva também aspectos qualitativos da produção científica/acadêmica daria um equilíbrio maior no conjunto das atividades desenvolvidas pelo profissional, como vem sendo discutido por alguns setores, mas de concreto, pouca coisa tem sido avançada sob esse enfoque. Mesmo sendo a análise quantitativa uma tendência atual, essa situação merece uma revisão no conceito, afinal, a ciência não tem um único sentido.*

*Assim, a Ethnoscientia cumpre esse papel híbrido, na verdade, mais do que isso, oferecendo também algumas opções que fogem ao meramente acadêmico, mas também sendo uma revista científica para aqueles que a desejarem entender como tal. Penso que isso não a diminuiria nem ao modo de como a CAPES e outras agências a avaliariam, pois se manteria como veículo científico acadêmico, publicando os trabalhos realizados pelos profissionais e estudantes interessados e/ou atuantes na área. Prova disso é que, apesar de seu pouco tempo de existência, ela já está indexada no Qualis CAPES, em algumas subáreas, em níveis iniciais de avaliação. Isso se deve a dois fatores básicos, a crescente publicação de artigos na revista e a citação de artigos da revista em artigos publicados em outras. Ou seja, está cumprindo o seu papel.*

**- ETHNOSCIENTIA: Qual a sua visão sobre a publicação de trabalhos em línguas nativas, distintas do Inglês, sobretudo sobre a perspectiva da internacionalização. Como democratizar o acesso às revistas para os autores levando em consideração a limitação imposta por revistas pagas ou que aceitam apenas trabalhos em idioma inglês, quando este não for dominado pelos autores.**

**- EDUARDO CORONA (*Etnobiología*):** *En la revista Etnobiología estamos convencidos de la necesidad de publicar en distintos idiomas, aceptamos en principio español, inglés y portugués, pero consideramos posible también la publicación en cualquier otro idioma, y aunque no está explícito en las normas, en lo personal creo que puede hacerse extensivo a lenguas locales, tal vez el problema es que su impacto se amucho menor y que se tengan dificultades para arbitrar el trabajo, pero creo que con los medios actuales es posible hacerlo.*

*También como parte importante se pide un resumen en inglés, al ser considerada una de amplio uso en el medio académico, y que es una de las bases de indexación. Esto lo vemos más como un esfuerzo de tender puentes entre nuestras distintas formas de expresión. Creemos que al menos un resumen en inglés es posible de elaborar por parte de los autores, y obtener la colaboración de colegas angloparlantes para refinar o mejorar esta parte de la publicación.*

*Este es un componente al que se ha puesto énfasis a partir de 2011. La revista Etnobiología si bien inició como un proyecto de una sociedad científica, la falta de planeación y de captación de recursos la hizo depender del financiamiento institucionales, que tampoco era consistente, siendo un proyecto que estuvo a la deriva por esa razón. En la reestructuración se propuso que fuese un proyecto editorial que se basara en el pago de la membresía de sus miembros, algo que no hemos logrado plenamente, pero tenemos avances sustanciales.*



*A la fecha tenemos un financiamiento mixto, parte de las sociedades y parte de instituciones, que nos ha permitido tener la política de publicar sin costo para los autores. Tampoco tenemos una política de restricción hacia los no miembros, este es un tema que se debate y no hay un consenso al respecto. Con sus problemas, pero consideramos que nuestro modelo es incluyente y plural, pero requiere de más ajustes para hacerlo más eficaz.*

**- JAMES R. WELCH (*Ethnobiology Letters*):** *Publication in multiple languages sounds like a worthy ideal but presents enormous editorial challenges with the potential to produce undesirable results for journals, authors, and communities. Editorial teams must dominate a language in order to assume responsibility for incorporating it into their publishing workflows. However, the editorial staffs of all national and international journals have greater facility in some languages than others, a limitation that may be overcome only imperfectly by paying external translators or copyeditors.*

*Unfortunately, some multilingual journals indexed in SciELO (2017) have resorted to outsourcing foreign-language article translation and copyediting services in the absence of adequate quality review, which has led to some cases of large-scale publication of nearly incoherent English-language articles. This major problem contributes to the deterioration of Brazilian science's international standing, which is the opposite of the desired outcome. It seems to me the most realistic options for rectifying this problem are limiting publication to the language(s) sufficiently dominated by present and future in-house editorial staff or expanding internal resources to regain quality control of outsourced foreign language services. Neither option is ideal, but it should be remembered that language is not the only or greatest barrier to access in the digital age.*

*Regarding publication by non-English writers in English language journals, there is no easy solution. Although democratizing author access to high quality international journals is desirable, the publishing world is not democratic or unbiased (HARRIS et al., 2017). Many international journals affiliated with ethnobiology do not have adequate resources to assume responsibility for evaluating and editing articles in poorly written or translated English. The burden of producing well-written articles that warrant consideration by these journals therefore falls largely to authors and their institutions, which are similarly limited by barriers to access to foreign language training and qualified translators or copyeditors. Efforts to improve this situation are being taken in Brazil, although they are not yet sufficient or broadly available. Among the best resources I know of for Brazilian scholars are split-site (sanduíche) doctoral and post-doctoral scholarships available through various state and national funding agencies, as well as international programs such as Fulbright Brasil (2017). These programs provide foreign immersion study opportunities and enduring track records in promoting the internationalization of Brazilian science.*

**- FLÁVIO BEZERRA BARROS (*Amazônica: Revista de Antropologia*):** *A questão do idioma em que os artigos devem ser redigidos nos remete aos processos históricos coloniais e imperialistas, uma vez que existe uma hegemonia dos idiomas europeus sobre as línguas nativas. Isso é um fato. Quem de nós já viu nas universidades brasileiras, cursos de línguas indígenas, já que temos mais de duas centenas delas sendo faladas no país? Nos departamentos das universidades só se ensina espanhol, inglês, alemão, francês e por aí vai. Para um país de dimensões continentais e diverso por natureza como o Brasil, é no mínimo um crime que sua língua reconhecida oficialmente seja apenas o Português. Sou completamente favorável à diversificação linguística dos trabalhos no campo das etnociências, valorizando inclusive os idiomas indígenas. Aliás, não concebo as etnociências desarticuladas da diversidade linguística. Embora essa posição seja difícil, sobretudo quando se trata do público a ser atingido pelo artigo, defendo a ideia de que o registro do patrimônio biocultural dos povos indígenas ocorra, quando possível, de forma bilíngue, pois, muitas das vezes a comunicação de determinado povo é oral, levando em alguns casos ao desaparecimento do idioma após o contato com o não indígena. No contexto da internacionalização, primeiro é necessário assumir posicionamentos mais progressistas para dar espaço à diversidade linguística do mundo, pois em muitos casos se tem trabalhos tão importantes que são comunicados pra fora enquanto o público mais interessado, de dentro, não se apropria. Dessa forma, uma saída é ter o trabalho traduzido ou redigido em línguas variadas para se obter público ampliado; falo inclusive dos povos indígenas. Com relação à exigência de revistas que somente aceitam trabalhos em inglês, esta questão tem dois lados. Tem-se um público (quase que exclusivamente científico) maior externo acessando o trabalho, mas se o pesquisador não publica em português (no mínimo), os próprios interlocutores deixam de acessar este artigo, quebrando muitas vezes um acordo ou fraturando uma relação de reciprocidade. Há questionamentos acerca de um mercado paralelo que se criou no universo acadêmico, com o advento e crescimento de empresas e pessoas comuns que passaram a se capitalizar em torno da atividade de tradução de trabalhos para línguas diversas, principalmente o inglês. Quanto ao pagamento de taxas às revistas, essa tem sido cada vez mais uma realidade entre um apanhado delas. Questiona-se, contudo, para qual fundo estes recursos são destinados,*

*uma vez que a maior parte das revistas atualmente é publicada em formato online. Contudo, conheço revistas (não muitas) que concedem descontos e que deixam claro que o pagamento não significa aprovação garantida de qualquer paper, aliás, alguns desses periódicos pagos são extremamente rigorosos em suas avaliações. Sempre considero que uma dose de bom senso e posicionamentos claros do ponto de vista político e acadêmico dos investigadores/investigadoras faz toda a diferença.*

**- LIN CHAU MING (*Ethnoscientia*):** *Acompanhando um pouco o raciocínio anteriormente colocado, a Ethnoscientia deve continuar aceitando publicações em outras línguas, mesmo com o interesse crescente, por parte de profissionais acadêmicos, de usar a língua inglesa nos artigos. Isso porque, com a abertura para as comunidades tradicionais/indígenas, não faria sentido fazer a divulgação de suas opiniões em inglês, salvo algum manifesto/texto que tenha a intenção de alcançar horizontes maiores que os definidos pela língua portuguesa ou de âmbito geográfico brasileiro. Isso poderá ocorrer esporadicamente, mas creio que em sua maioria, esses tipos de textos serão em não-inglês.*

*Um exemplo, o caso mais ou menos recente da mobilização contra a construção da hidrelétrica de Belo Monte, uma questão envolvendo comunidades indígenas brasileiras e as consequências desastrosas que ela traria ao meio ambiente e ao modo de vida das comunidades. Então essa situação exigia que fosse divulgado para o mundo inteiro, portanto, a língua seria a inglesa. Ethnoscientia poderia ter sido também um dos veículos para ajudar a divulgar o manifesto.*

*Mas que fique claro que a revista não é um veículo das organizações indígenas ou de comunidades tradicionais. Estas devem ter seus próprios veículos, representando e divulgando suas ideias. A revista pode ser um apoio, pequeno, penso, das comunidades, quando quer ampliar um pouco o arco de atingimento do trabalho divulgado.*

*Por outro lado, a revista, enquanto representativa de uma sociedade científica, também deve apoiar aqueles que querem divulgar os trabalhos em nível acadêmico. Pela minha experiência em termos de ensino e pesquisa universitários, vejo que a grande maioria dos estudantes, mesmo em nível de pós-graduação não tem a devida formação em termos de escrita na língua inglesa, importante para as atividades na área acadêmica. Teremos ainda que aguardar algum tempo antes que essa situação seja superada, pois se trata de uma tendência mundial.*

*A Ethnoscientia visa ainda apoiar pesquisadores e interessados provenientes de países latino-americanos. Sabidamente, estes, com raras exceções, têm dificuldades maiores do que as nossas nesse quesito. Nossos parceiros continentais têm agora outra alternativa para publicação de seus textos, na língua materna.*

*Temos também, entre os componentes de nossa sociedade, profissionais bem gabaritados nessa língua, e mais do que isso, com um bom desempenho acadêmico, fruto de dedicação e trabalho ao longo de muitos anos. Esses profissionais também são importantes para as etnociências, pois podem se constituir em referências científicas e acadêmicas para os estudantes, futuras gerações na área. Podem também servir de exemplo para que os órgãos de fomento e outras instituições acadêmicas possam reconhecer a área, dando-lhe mais visibilidade e importância.*

*Sabemos que ainda somos considerados “ciência menor”, no sentido do reconhecimento do valor entre as outras ciências, e ainda somos poucos, portanto, se tivermos nomes de professores e ou pesquisadores que possuam excelentes currículos, atestados pelos órgãos de fomento, estes ajudarão a nos fortalecer.*

*Lembro que o fato de o CNPq ter introduzido a subárea de Etnofarmacologia em sua listagem (a primeira área “etno” oficial deste conselho nacional – única até o momento – e depois retransmitida para outros órgãos de fomento), se deve à atuação de importantes profissionais, em especial a profa. Elaine Elisabetsky, que eram amplamente reconhecidos por seus currículos pelos dirigentes das entidades e pelos seus pares acadêmicos.*

**ETHNOSCIENTIA: É possível enxergar alguma tendência dentro dos trabalhos de Etnobiologia que vem sendo publicados? Qual? É possível que alguns tipos de trabalho, como aqueles sobre classificação e uso dos organismos, já não tenham relevância para as revistas da área, por quê?**

**- EDUARDO CORONA (*Etnobiología*):** *Si, claro que es posible ver esas tendencias, sobre todo porque estas son expresión del tipo de investigación y el interés de las comunidades académicas. En una revisión general, se puede ver que todavía predomina el sistema de dividir la naturaleza en tres grandes grupos: plantas, animales y hongos, por lo que son escasos los trabajos con una visión más holística, tendencia que debería cambiar, pero eso depende de que las comunidades académicas también lo realicen.*

*También siguen predominando los registros de organismos bioculturales, sus tipos de uso y los sistemas de clasificación. Esta es una gran fuente de información que da cuenta de la gran diversidad*

*biológica y cultural que existe en América, de sus similitudes y diferencias, así como de los cambios y persistencias, sin embargo, faltan trabajos comparativos en lo geográfico, lo cultural y lo cronológico, que enriquecerían nuestra perspectiva sobre las interacciones humano-ambiente.*

*También como tendencia general, la mayoría de los trabajos se refieren a comunidades que son parte de pueblos originarios, campesinos y rurales, pero poco se abordan los temas relativos a interacciones humano-ambiente en medios urbanos y semi-rurales.*

*Lo cierto, es que, con los procesos acelerados de transformación del medio ambiente inducidos a partir del Antropoceno, así como su impacto en los procesos culturales dan a las investigaciones etnobiológicas un cierto sentido de urgencia, por dar cuenta de estas interacciones, así que todas las tendencias seguirán cambiando, porque las condiciones así lo indican.*

**- JAMES R. WELCH (*Ethnobiology Letters*):** *The articles currently being published in the main ethnobiology journals are wonderfully diverse topically and methodologically. In my opinion, substantial and appropriate editorial attention is being afforded to local case studies that elucidate and debate issues of broader geographical or theoretical relevance. Methodological (especially quantitative) innovation and dialog with environmental conservation seem to be among the most encouraging areas of focus (for example, ROBBINS; NOLAN; CHEN, 2017; BALÉE; NOLAN, 2015). Interesting recent publications have innovated in non-quantitative and interdisciplinary approaches, especially toward the end of incorporating multiple epistemological frameworks and finding ways to involve local communities as genuine scientific partners without compromising their autonomy (for example, LÖVBRAND et al., 2015; MORALES; LEPOFSKY; BERKES, 2017). Brazil seems to have maintained or increased its standing as one of the leading developing countries in terms of ethnobiological production and innovation. I am very pleased to see excellent new research being done with such traditional peoples as ribeirinhos, quilombolas and caiçaras (for example, CONDE et al., 2017; DAVIDSON-HUNT; IDROBO; TURNER, 2017; ISAAC et al., 2015).*

*Considering recent submission activity at Ethnobiology Letters, we have seen a substantial increase during the last year, mainly from the United States, Canada, and Europe, but also from such countries as Brazil, Argentina, Ecuador, Bolivia, Mexico, Tanzania, and Malaysia. Overall, archaeology submissions have tended to be of somewhat better initial quality and to go through peer review more smoothly. Some articles with social or biological focus presented greater editorial challenges, especially when they inadequately described or misused quantitative methods (such as population sampling and statistical analysis) or insufficiently contextualized research questions or findings considering previous scholarship.*

*The question of the scholarly merits of classification studies and articles emphasizing lists of organisms and their cultural uses seems to me to come down to whether authors successfully communicate how their results contribute to science. That is, whether they address questions of scientific concern. Not doing so is one of the most recurrent barriers to publication I have noticed among these kinds of articles. Descriptive studies of local uses and applications of biological taxa occupy a central place in the history and ethnobiology since its origins, and continue to be important in Brazil where large gaps in remain in documenting local ecological and biodiversity knowledge. If it is becoming increasingly difficult to publish these kinds of articles, the challenge for authors is to effectively communicate the relevance of ethnobiological lists beyond their descriptive or bioprospecting value (for example, DOYLE; ASIALA; FERNÁNDEZ, 2017; FORTH, 2017; MONTEBAN, 2017).*

**- FLÁVIO BEZERRA BARROS (*Amazônica: Revista de Antropologia*):** *Considero a Etnobiologia brasileira ainda pouco animada pela literatura do campo das ciências sociais e humanas, a qual deveria ser fundamental no processo formativo dos etnobiólogos e etnoecólogos. Também vejo poucos antropólogos mobilizados para o campo da Etnobiologia, diferente do que ocorre com outros países. Percebo esse campo muito voltado ao inventário de usos da biodiversidade pelas comunidades, porém, com produção de listas extensas e em certos casos sem sentido maior, ou mesmo sem aprofundamentos das razões cosmológicas, históricas e ecológicas sobre determinadas formas de apropriação. Em razão de alguns jovens pesquisadores participarem de movimentos sociais desde sua graduação, sinto que alguns estudos, ainda de forma muito incipiente, estão dialogando de modo mais efetivo com temas como ecologia política, economia ecológica, conflitos sociais, soberania alimentar, temas esses que requerem um mergulho maior na vida social das comunidades e exigindo posicionamentos políticos dos pesquisadores/pesquisadoras. Acredito que os estudos que tratarem exclusivamente de classificação e usos de organismos estarão fadados ao fracasso se não inovarem em questões mais emergentes como direitos e conhecimentos dos povos e comunidades tradicionais; além disso é necessário haver mais pesquisa participativa e maior engajamento político dos pesquisadores com relação aos interlocutores com os quais pretendem trabalhar.*

- **LIN CHAU MING (*Ethnoscintia*):** *Como em qualquer área da ciência, quem a faz são os que nela estão envolvidos, e se desenvolve conforme a percepção e interesse próprios ou com influência de outros setores da sociedade. Não estamos imunes a isso, apenas a refletimos. Então, as tendências são dinâmicas. Se no início os conteúdos eram mais voltados a sistemas classificatórios e fins utilitaristas, e isso foi importante e bastante visível até pouco tempo atrás, hoje os campos de pesquisa na área se ampliaram. Vemos muitos trabalhos com enfoque ecológico e outros que abordam questões mais culturais dentro da Etnobiologia, sem, entretanto, deixar de ainda haver interesses nas outras áreas já mencionadas.*

*As comunidades indígenas e tradicionais também passam por diferentes transformações. Questões políticas estão subjacentes a questões ambientais e sociais. O que dizer de aspectos imateriais das relações que as comunidades têm com elementos do ambiente e/ou das tecnologias desenvolvidas por elas? O sagrado também tem sua importância redescoberta. Quais serão as tendências num futuro próximo e não tão próximo?*

*Assim, vejo que as revistas continuarão a aceitar trabalhos com todos os enfoques, sendo a Etnobiologia abrangente (vide José Geraldo), bastante ampla e democrática sob esse sentido, com suas relevâncias e importâncias aceitas, mas algumas poderão restringir, devido às características em consolidação ou já mais consolidadas de uma determinada revista.*

- **ETHNOSCINTIA:** **Já são algumas publicações dedicadas integralmente ou periodicamente (número especiais) às etnociências no Brasil e no Mundo, como cada uma pode garantir um escopo diversificado e não sobrepôr às demais revistas?**

- **EDUARDO CORONA (*Etnobiología*):** *Aun cuando somos varias publicaciones que tratamos temas de etnociencias, cada una pone acentos particulares en los temas, esa es la garantía de diversidad de puntos de vista y lo que evita que se sobrepongan las revistas. Son miradas e interpretaciones de suyo diferentes. En el futuro inmediato se podría sugerir que las revistas abordásemos temas comunes de interés continental o mundial, pero esto puede ser difícil, por las agendas y los compromisos contraídos, pero valdría la pena intentarlo.*

- **JAMES R. WELCH (*Ethnobiology Letters*):** *Expanding the boundaries of ethnobiology and encouraging its cross-fertilization with related academic fields is a positive and exciting trend. The emergence of new ethnobiology journals and publication of special issues about ethnobiology in journals in related fields is an excellent example of this trend, which contributes to the advancement and diversification of our field. Considering that ethnobiology is inherently multidisciplinary and strengthened through collaboration, I believe such publications should be encouraged because they enhance rather than threaten existing academic territories.*

*The world is full of journals with overlapping scopes, including those that focus entirely or occasionally on ethnobiology. This is partly due to the competitive nature of the scientific publishing industry, but also occurs through the worthy efforts of ethnobiologists seeking constructive dialog between disciplines and scientific communities. Thus, crossover between journals is a healthy strategy for strengthening our field and supporting innovation.*

*There are exceptional cases where overlap between journals is undesirable. For example, *Ethnobiology Letters* is one of four publication series that comprise the Society of Ethnobiology's integrated publication strategy. The others are its flagship periodical *Journal of Ethnobiology* (*SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY*, 2017b), its monograph series *Contributions in Ethnobiology* (*SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY*, 2018b), and its online blog *Forage!* (*SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY*, 2018a). In 2010, *Ethnobiology Letters* was created to serve as sister journal to the *Journal of Ethnobiology*, which began focusing on full-length original research articles and transferred responsibility to *Ethnobiology Letters* for publishing book reviews and other shorter and specialized communications. Because of this history, these two journals seek to avoid certain kinds of crossover by maintaining different editorial emphases, including article types and length limits. Similarly, *Contributions in Ethnobiology* is distinguished from the others in considering full length monographs and edited books on any subject involving ethnobiology.*

- **FLÁVIO BEZERRA BARROS (*Amazônica: Revista de Antropologia*):** *Não acredito em sobreposições porque as etnociências no Brasil e no mundo estão em expansão. O que é temerário é a fragmentação, como já podemos perceber, com a criação de revistas especializadas, focadas em temas como etnofarmacologia, etnobotânica, etnozologia, etnomatemática etc.*

- **LIN CHAU MING (*Ethnoscintia*):** *Com o aumento das contribuições das etnociências no mundo acadêmico, natural é a ampliação do número de revistas/publicações dedicadas a elas. A *Ethnoscintia* é*

*um exemplo disso no Brasil, iremos completar apenas dois anos de existência. O número de publicações dedicadas a esses assuntos era muito pequeno, não havia muitas opções. Hoje temos mais alternativas. Mesmo que as revistas aceitem trabalhos com enfoques amplos e diversificados, a chance de sobreposição existe, pois há um número crescente de contribuições.*

*Mas há espaço para todas elas, uma vez que as pessoas irão encaminhar seus trabalhos de acordo com situações diversas, como tipo do trabalho a ser publicado, local do trabalho realizado, tipo de comunidade envolvida, escopo da revista, dificuldade na publicação, tempo de avaliação pelos relatores ad-hoc, taxas e preço, periodicidade, avaliação por indicadores, membros do conselho editorial ou editoria chefe, dentre outros fatores. O importante é que essas publicações, todas elas, continuem a oferecer seus serviços para o público da área, permitindo a escolha.*

*Algumas revistas mais antigas, já consolidadas, têm tido um comportamento quase empresarial, ou seja, se profissionalizaram de tal maneira que, apenas por trabalho voluntário de alguns editores abnegados e uma rede de referees também voluntários, já não é possível “tocar” a revista. São necessários infraestrutura, apoio técnico, conhecimento e experiência nos ritos editoriais, tradução, revisão ortográfica, indexação, DOI, Orcid, verificação de plágio, dentre outros, para que a revista seja publicada com rigor científico e ética.*

*E com isso, passam a cobrar, e bem, pela publicação dos trabalhos. Se puder fazer uma comparação simples, mas real, viraram empresas, sim. Empresas editoriais. A impressão das revistas em papel, que antes se constituía em um item dispendioso no orçamento, agora já está praticamente substituída pela edição digital. Esses outros custos, alguns citados acima, fazem parte da nova configuração de uma revista.*

*Como muitas das revistas têm taxas proibitivas para a grande maioria dos pesquisadores brasileiros (e latino americanos), estes acabam preferindo (ou não tendo outra opção) publicar em revistas que cobram taxas menores ou que não cobram, redefinindo a revista na qual quer publicar. A *Ethnoscintia* ainda não cobra nenhuma taxa para publicação, por iniciativa aprovada pela diretoria da SBEE, porém, há custos operacionais fixos (não incluem o trabalho dos editores e ad-hoc, que se mantém voluntário), que, num curto prazo, deverão ser rateados entre os autores. Serão bem módicos, facilitando o acesso. Assim, vejo que essas situações citadas também podem ajudar na diversificação da publicação dos artigos em diferentes periódicos, contribuindo para a não sobreposição destes.*

### **ETHNOSCINTIA: Como considerações finais, como você vê a importância da revista onde é editor para o desenvolvimento das etnociências?**

**- EDUARDO CORONA (*Etnobiología*):** *La revista, de acuerdo a lo previamente señalado, es el medio de expresión de una comunidad, en nuestro caso de la AEM y la SOLAE, por lo que el esfuerzo es darle la mayor visibilidad a las investigaciones que se dan en el campo y fortalecer así esta comunidad científica.*

*La importancia radica en que se atiendan los tres ejes de actividad: el primero, una revista activa, sólida en lo académico y que trate de eliminar las limitaciones idiomáticas y económicas para dar a conocer las investigaciones. El otro eje es su compromiso con las comunidades, impulsando que las publicaciones aseguren, al menos, el consentimiento informado, y haciendo eco de la investigación participativa y solidaria. Finalmente, una mayor labor de divulgación y de manejo en redes sociales, este es por ahora el lado más débil, pero la incorporación de una mayor cantidad de jóvenes, como se puede observar en los congresos de diversos países latinoamericanos, nos puede asegurar que hay posibilidades de atención y solución a estos que son sus medios de actividad cotidiana.*

*Aquí cabe señalar que los retos en el futuro de las revistas se encuentran en su perspectiva financiera, en la infraestructura y en el desarrollo de personal que atienda y entienda las actividades editoriales. La solución de estos retos será central para las revistas que estamos activas ahora.*

*Por tanto, dado que hay una estrecha relación entre la actividad que se está desarrollando, y cabe destacar que las etnociências, o la denominación que se prefiera, son un campo interdisciplinario en pleno desarrollo, entonces las revistas continuarán también, como foro de expresión de los interesados en estos campos.*

**- JAMES R. WELCH (*Ethnobiology Letters*):** *Ethnobiology Letters seeks to contribute to advancing ethnobiology by providing cost-free publishing space for excellent scholarship and communications that might not fit within the scope of many traditional journals in the field. We do not have strict topical restrictions because we value articles that straddle or transcend usual disciplinary and methodological boundaries. Our preference for short communications (articles are usually limited to 5,000 words) was intended to fill a gap among some of the established ethnobiology journals, most of which prioritized full-length original research.*

*As I mentioned above, we gradually expanded the range of peer reviewed and non-peer reviewed submission types Ethnobiology Letters publishes to promote inclusion of different kinds of ethnobiological messages and voices. Since its inception in 2010, we have published interviews, perspectives, data and methods articles, and book reviews in addition to short research communications. In 2015 we started publishing short topical literature reviews (“mini-reviews”), which have become a popular article format for younger scholars and seasoned researchers who would like to draw attention to a narrow topic of special interest or neglect in ethnobiology. Also, in 2018 we will begin publishing personal and non-scientific essays to ensure that individuals with messages not based in the scientific tradition may also publish in our journal.*

*Essential features of Ethnobiology Letters are that it receives financial support from the Society of Ethnobiology and its editors are volunteers. Without the need to generate revenue, we publish without changing fees and thereby eliminate a major barrier to publishing for many authors, including Brazilian scholars during the ongoing economic crisis. These features also allow us to make editorial decisions that are not market driven. We prioritize quality ethnobiological scholarship and innovation over potential citation impact by means of unwavering dedication to rigorous peer review. To encourage successful contributions by scholars in the early stages of their careers and from countries with newer scientific traditions, we balance this approach with personalized editorial attention that seeks to identify and encourage exceptional scientific merit in all its forms.*

**- FLÁVIO BEZERRA BARROS (*Amazônica: Revista de Antropologia*):** *A Amazônica: Revista de Antropologia, na qual sou editor na seção ensaios fotográficos, está ancorada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPA. Este programa foi instituído dentro dos quatro campos da Antropologia (Antropologia Social e Cultural, Arqueologia, Bioantropologia e Antropologia Linguística) e tem caráter inter e transdisciplinar, em que temas como sociobiodiversidade, etnobiologia, etnoecologia, etnociências, povos indígenas e comunidades tradicionais são vivamente valorizados. O periódico, desde sua criação, vem valorizando a publicação de resultados de pesquisas tanto no Brasil como no estrangeiro com temas voltados às etnociências. Para citar um exemplo, desde sua criação, já foram dois números dedicados ao tema “Questões socioambientais e etnobiodiversidade”, dossiês que reuniram trabalhos de pesquisadores de norte a sul do Brasil em torno da Etnoecologia, Etnobiologia e Antropologia Ambiental. Como se trata de uma revista de Antropologia, ainda tem sido tímido o número de trabalhos recebidos desenvolvidos por etnobiólogos. A revista tem crescido a cada ano e com certeza trata-se de um importante periódico para a área. Por fim, informo que um número especial comemorativo do “Belém +30”, referente ao 16th Congress of the International Society of Ethnobiology e XII Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia, que ocorrerá em agosto de 2018, será publicado em 2019.*

**- LIN CHAU MING (*Ethnoscientia*):** *A abertura de espaços democráticos no sentido acadêmico pela Ethnoscientia, com formas diferenciadas de publicação, a partir de um leque relativamente amplo de assuntos, permite atingir o interesse de um conjunto grande de pessoas, em sua maioria com experiência relativamente recente na área, assim como aqueles profissionais mais experientes, de uma geração anterior (ou mais). E permite também oferecer espaços para as comunidades com as quais trabalhamos e interagimos. Mesmo sendo a “filha mais nova” entre as revistas, essas características a permitirão percorrer um caminho importante na área, com o apoio da SBEE e seus associados, ajudando em seu desenvolvimento mais sólido e enraizado.*

## REFERÊNCIAS

BALÉE, W.; NOLAN, J. Freelisting as a tool for assessing cognitive realities of landscape transformation: a case study from Amazonia. In: ISENDAHL, C.; STUMP, D. (Eds.). **The Oxford handbook of historical ecology and applied archaeology**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 1-21.

BARDANACHVILI, E. Quantidade não é qualidade: pesquisadores criticam lógica produtivista e a “mania do fator de impacto”. **Radis: Comunicação e Saúde**, v. 152, p. 24-27, 2015.

CONDE, B. E. et al. Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil. **PLOS ONE**, v. 12, n. 11, p. e0187599, 28 nov. 2017.

DAVIDSON-HUNT, I. J.; IDROBO, C. J.; TURNER, K. L. The creativity of everyday life in crafting resilient food systems: a framework and case from the Atlantic Forest coast of Brazil. **Human Ecology**, v. 45, n. 5, p. 601-612, 2017.

DOYLE, B. J.; ASIALA, C. M.; FERNÁNDEZ, D. M. Relative importance and knowledge distribution of medicinal plants in a Kichwa community in the Ecuadorian Amazon. **Ethnobiology Letters**, v. 8, n. 1, p. 1-14, 2017.

FORTH, G. “Fish” and “non-fish” in Lio and Nage: folk-intermediates and folk-generics in the fish classification of two Eastern Indonesian peoples. **Ethnobiology Letters**, v. 8, n. 1, p. 61-69, 2017.

FULBRIGHT BRASIL. **Bolsas para brasileiros**. Disponível em: <<http://fulbright.org.br/bolsas-para-brasileiros/>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

HARRIS, M. et al. Explicit bias toward high-income-country research: a randomized, blinded, crossover experiment of English clinicians. **Health Affairs**, v. 36, n. 11, p. 1997-2004, 2017.

ISAAC, V. J. et al. Food consumption as an indicator of the conservation of natural resources in riverine communities of the Brazilian Amazon. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 87, n. 4, p. 2229-2242, 2015.

LÖVBRAND, E. et al. Who speaks for the future of Earth? How critical social science can extend the conversation on the Anthropocene. **Global Environmental Change**, v. 32, p. 211-218, 2015.

MONTEBAN, M. Maternal knowledge and use of galactagogues in Andean communities of Cusco, Peru. **Ethnobiology Letters**, v. 8, n. 1, p. 81-89, 2017.

MORALES, E. M. Q.; LEPOFSKY, D.; BERKES, F. Ethnobiology and fisheries: learning from the past for the present. **Journal of Ethnobiology**, v. 37, n. 3, p. 369-379, 2017.

ROBBINS, M. C.; NOLAN, J. M.; CHEN, D. An improved measure of cognitive salience in free listing tasks: a Marshallese example. **Field Methods**, v. 29, n. 4, p. 395-403, 2017.

SCIELO. **Scientific Electronic Library Online**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY. **Ethnobiology Letters**. Disponível em: <<http://ojs.ethnobiology.org/index.php/ebli/index>>. Acesso em: 17 dez. 2017a.

SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY. **Forage!** Disponível em: <<https://ethnobiology.org/forage/blog>>. Acesso em: 9 jan. 2017b.

SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY. **Journal of Ethnobiology**. Disponível em: <<http://www.bioone.org/loi/etbi>>. Acesso em: 9 jan. 2018a.

SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY. **Contributions in Ethnobiology**. Disponível em: <<https://ethnobiology.org/publications/contributions>>. Acesso em: 9 jan. 2018b.

WELCH, J. R.; MARSTON, J. M.; OLSON, E. A. Plurality in ethnobiology: a look towards 2017. **Ethnobiology Letters**, v. 7, n. 1, p. 106, 2016.

YAMAMOTO, E. **Pró-Reitoria de Pós-Graduação discute a avaliação da Capes 2017**. Disponível em: <<http://jornal.usp.br/institucional/pro-reitoria-de-pos-graduacao-discute-a-avaliacao-da-capes/>>. Acesso em: 17 dez. 2017.